

'ACM não sairá de cena', diz Bornhausen

Presidente do PFL afirma que Antonio Carlos participará da definição da estratégia para 2002 e defende um candidato de fora do núcleo do poder

CLÁUDIA CARNEIRO
e CHRISTIANE SAMARCO

BRASÍLIA - O presidente nacional do PFL, senador Jorge Bornhausen (SC), chega à confortável condição de principal negociador do partido na corrida presidencial de 2002, com o aval daquele que até há bem pouco tempo ameaçava tomar-lhe o comando do partido. Depois de assumir a coordenação das negociações políticas para salvar Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) da pena máxima de cassação no processo de quebra de sigilo do painel de votação do Senado, Bornhausen teve sua solidariedade retribuída com a promessa do ex-adversário de acompanhar o partido nas eleições gerais do ano que vem, em mais uma parceria com o PSDB.

A boa nova veio justamente no momento em que o senador e ex-presidente José Sarney (PMDB-AP) anuncia que não participará da disputa e, no mesmo impulso, lança a candidatura de sua filha, a governadora do Maranhão, Roseana Sarney (PFL). Ela é a opção preferida de Bornhausen para disputar a sucessão do presidente Fernando Henrique Cardoso. Ele deixa isso claro ao defender, com astúcia política, a tese de que não pode haver "pratos feitos" se o objetivo é manter a aliança governista em 2002. "Um candidato que seja governador ou governadora pode ter muito mais chance do que alguém que está no núcleo do poder", avalia Bornhausen, que recebeu a visita e a gratidão de ACM esta semana. "ACM não sairá de cena, é o grande eleitor da Bahia e terá um espaço de atuação ainda forte no partido", retribui.

A seguir, a entrevista concedida pelo senador pefelista ao Estado:

Estado - Como o senhor está vendo este momento de denúncias contra o governo, que o presidente Fernando Henrique acusa de golpismo fascista das oposições?

Jorge Bornhausen - Considero que a reação do presidente é justa e natural, porque há uma formulação com o propósito nítido de tentar desmoralizar o governo e, por meio da CPI, montar o palco da oposição. Fernando Henrique é um homem de bem, sério e inatacável. E as pessoas têm de reagir até para mostrar para suas famílias. De tudo o que o presidente disse por causa de uma reportagem requentada, frágil, ele reagiu com força. O único reparo que farei é que ele não devia ter falado da UDN, que era um partido muito bom.

Estado - O senhor acha que o senador ACM também foi vítima desse clima de denunciismo?

Bornhausen - Este processo interessa à oposição e acho que não houve uma ação organizada do governo, por meio

de sua base, para dar um equilíbrio. Quando digo ação organizada, é enfrentar com toda a vontade a CPI do Lixo em São Paulo, é mostrar que o governo foi relapso, ineficiente, não fazendo vacinação por afetos. É focar também os erros administrativos graves da oposição, mostrando que a oposição também tem suas fragilidades. Mas se o governo não se agendar, não reagir com firmeza, demonstrando sua força, vai parecendo que ele está se fragilizando. Eu sou favorável à reação.

Estado - O líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), avalia que se o governo não responder com muito vigor e clareza todas as denúncias de corrupção levantadas contra ele, como tentará fazer esta semana levando o ministro da Fazenda, Pedro Malan, ao Congresso para explicar o socorro financeiro ao Banco Marka, a CPI da Corrupção vai continuar assombrando o Palácio do Planalto. O senhor concorda?

Bornhausen - Os pontos têm sido explicados, e requeitados sempre pela oposição, que tem tido espaço na mídia para as denúncias, mesmo quando são requeitadas de forma leviana.

Estado - Por que a oposição está conseguindo tanto espaço neste momento? Isto não é resultado da fragilidade do próprio governo?

Bornhausen - As revistas semanais rivalizam entre si para ver quem consegue mais denúncias. Há por trás disso uma disputa mercadológica, e como a venda de denúncias é sempre mais fácil, há esta disputa e isto também traz prejuízo ao governo.

Estado - Por que alguns senadores consideram a pena máxima pedida para os senadores ACM e José Roberto Arruda é exagerada?

Bornhausen - Este processo está sendo cheio de irregularidades, porque a votação não poderia ser aberta. Abrir esta votação no Conselho de Ética foi uma violência. O segundo ponto é o do relatório, que só poderia concluir pela existência ou não do delito, sem jamais recomendar uma pena. O que se fez aqui foi atropelar o processo, pelo desejo de acompanhar a opinião pública que era conduzida pela mídia. O resultado foi um espetáculo protagonizado pelos candidatos a 2002, desprezando-se a grave realidade de que quem quebra regras uma vez, quebra uma segunda e uma terceira. O precedente é perigoso.

Estado - O senhor acha que faltou coragem aos senadores do Conselho de Ética para fazer diferente?

Bornhausen - Só os senadores do PFL tiveram coerência. Houve o delito, mas não concordamos com expressões do relatório e com a fixação



da pena. Houve quem defendesse o voto correto e não votasse. Eu só estou constatando o fato. Nós sabíamos de antemão que só tínhamos cinco votos. Tivemos uma única divergência: os dois senadores baianos, até por obrigação, votaram contra o relatório como um todo, e os demais só pediram o destaque para a pena e algumas expressões. Não fomos nós que fizemos um discurso diferente do voto. Foi a eleição de 2002 que mudou os votos.

Estado - Isto quer dizer que a eleição de 2002 já começou dentro e fora do Congresso?

Bornhausen - A eleição está em andamento.

Estado - O senhor chegou a procurar Fernando Henrique para evitar a partidização no episódio do painel de votação do Senado. O que o levou a atuar ostensivamente nesse processo?

Bornhausen - Na vida pública, o político tem de perseguir a popularidade, mas popularidade é uma gangorra que vai e volta. O que o político não pode perder é a credibilidade e a ação do PFL foi neste sentido. Hoje a população que era a favor da punição máxima, da pena de morte, amanhã vai reconhecer que houve um erro. Então, nós agimos conscientes da perda momentânea da popularidade, mas certos de que vamos manter nossa credibilidade.

Estado - O PFL quis ter atuação diversa do PSDB,

que praticamente expulsou José Roberto Arruda antes de o julgamento começar?

Bornhausen - Agimos com o conceito de solidariedade partidária sem dizer em momento algum que não houve delito. Apenas achamos que a pena máxima era injusta, porque um homem como ACM, com 40 anos de vida pública, tem um saldo muito positivo. Levou para a Bahia o pólo petroquímico, organizou seu Estado, hoje absolutamente governável, com eficiência. Isto não poderia permitir que ele fosse condenado em uma investigação com pena máxima. Não se faz o julgamento de um homem que tem 40 anos de vida pública por um ato ou por um erro.

Estado - Como o PFL vê esta saída de cena do senador ACM, seja pela renúncia ou pela cassação?

Bornhausen - ACM não sairá de cena. É o grande eleitor da Bahia e sabe que seu partido foi solidário. Ele terá um espaço de atuação ainda forte no partido.

Estado - Houve quem se surpreendesse com sua atuação, por conta das divergências políticas e partidárias entre o senhor e ACM nos últimos tempos.

Bornhausen - Dentro do PFL nós divergimos várias vezes e eu não recuei em nenhuma dessas vezes. Mas no momento em que um companheiro é atropelado injustamente, e não se leva em conta o que fez de bom ao longo de sua vida pública, nós não seríamos dignos se não estivéssemos a seu lado.

Estado - Essa solidariedade do PFL a ACM inclui o senador baiano no projeto do partido para 2002?

Bornhausen - Na conversa que tivemos numa visita que fez à minha casa quarta-feira, que muito me honrou, ele disse que agradecia a ação e a solidariedade do partido, e com relação à decisão sobre candidatos à Presidência ele acompanharia o partido.

Estado - Com isso, a Bahia de ACM estará no projeto da aliança...

Bornhausen - Evidentemente nós temos de levar em consideração que também as pessoas têm de se afinar.

A eleição (de 2002) está em andamento

Quem vier a ser candidato tem de entender e não ter nenhuma restrição a quem quer que seja do PFL, para merecer o nosso apoio

ACM não sairá de cena, é o grande eleitor da Bahia e terá um espaço de atuação ainda forte no partido

Jorge Bornhausen

ou preferência, um candidato que seja governador ou governadora pode ter muito mais chance de significar que as conquistas serão mantidas, mas haverá renovação e não o continuísmo. É muito mais provável que (esse candidato) chegue a um bom resultado do que alguém que está no núcleo do poder. Faço esta observação, repito, sem nenhuma restrição de caráter pessoal.

Estado - Mas já não há mais chance de repetir a aliança que reelegeu Fernando Henrique, uma vez que o PTB aderiu à candidatura Ciro Gomes (PPS) e as convenções estaduais do PMDB praticamente consolidaram a candidatura própria.

Bornhausen - Em 1994, o PMDB teve candidato próprio, o Orestes Quécia, e em 1998 quem entrou na coligação PFL-PSDB foi o PPB. O PMDB entrou no governo em 1995 e depois em 1999. Nas últimas eleições o PMDB não teve candidato à Presidência e não nos deu tempo de rádio e TV no horário eleitoral. Havia um núcleo majoritário do PMDB que apoiava Fernando Henrique, mas oficialmente o partido não nos apoiou.

Estado - Uma composição com o PMDB em 2002 já está descartada?

Bornhausen - Não é uma decisão na qual eu possa influir, mas proponho ainda que a gente sente à mesa, todos os partidos, e incluo o PMDB.

Estado - Depois da guerra entre ACM e o presidente do Senado, Jader Barbalho (PMDB-PA), ainda há condições políticas de uma parceria PMDB-PFL em 2002?

Bornhausen - Em política não existe isso de não se sentar à mesa. Política é a arte de dialogar. Então temos de, efetivamente, sentar para dialogar sem preconceitos e prevenções.

Estado - É precipitado definir candidatos agora?

Bornhausen - Acho que nós devemos tratar deste assunto sucessão internamente, sem problema nenhum, mas deixando a escolha do candidato para o último trimestre deste ano. O movimento correto, e que o PFL está fazendo, é preparar diretrizes de governo que possam ser discutidas entre os partidos que poderão fazer a coligação.

Estado - O clima de denunciismo e caça às bruxas se encerra com o episódio do painel do Senado, ou terá outros desdobramentos?

Bornhausen - Não vai se encerrar porque o PT acha que este é o melhor caminho para o seu candidato, o Dula.

Estado - Dula?

Bornhausen - É... O Duda Mendonça pilotando o Lula (o presidente de honra do PT, Luiz Inácio Lula da Silva).

